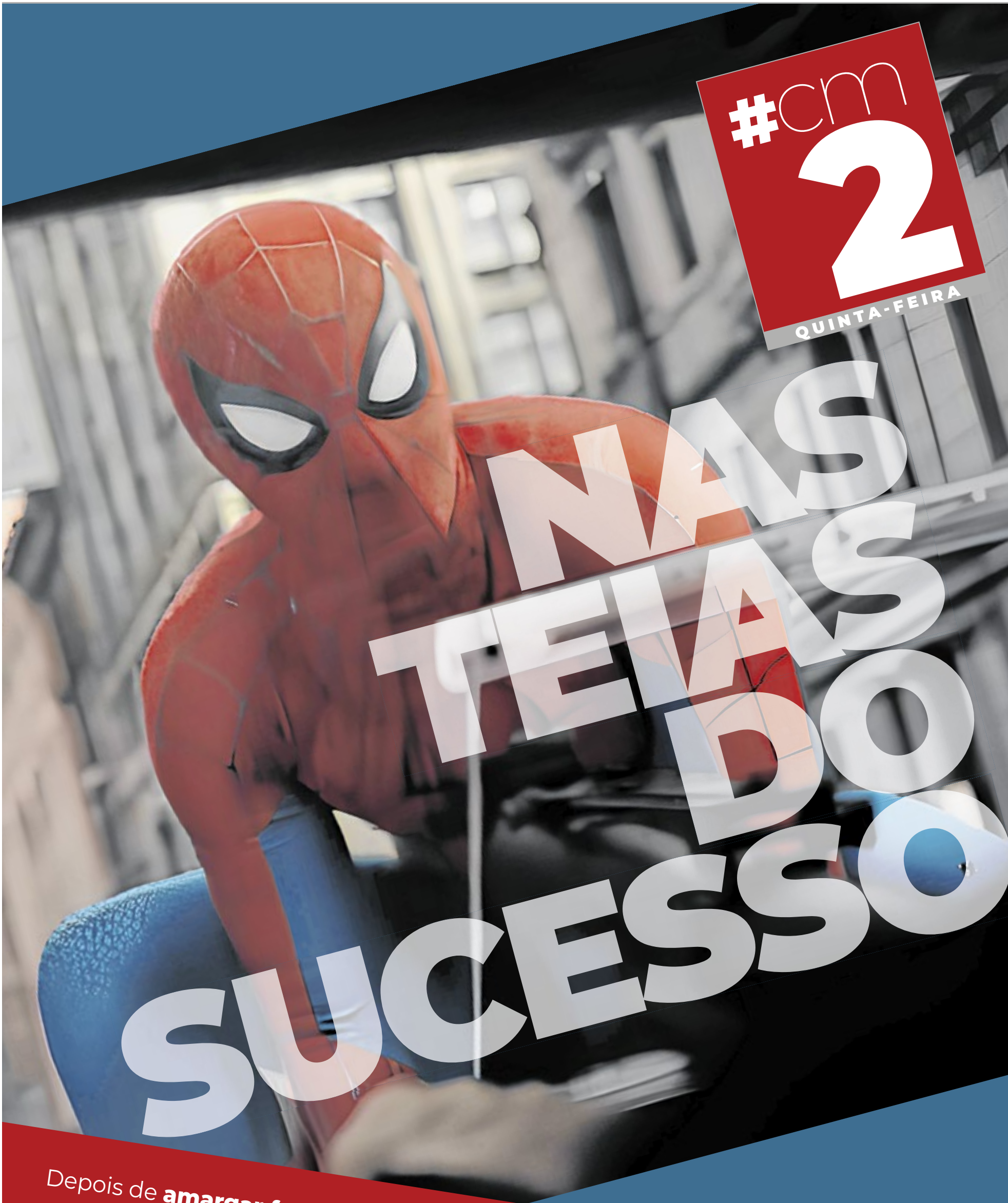




Depois de **amargar fracassos retumbantes** de bilheteria com seus últimos lançamentos - **em meio à crise envolvendo o filão das tramas de super-heróis** -, a Marvel aposta suas fichas em **‘Homem-Aranha’: Um Novo Dia’** que chegou nesta quarta-feira (29) aos cinemas. **Confira nesta edição a evolução da saga** do mais **desajustado, e por isso, o mais pop dos heróis** nas telas, de Tobey Maguire a Tom Holland, **e os maiores acertos da Marvel** em todos os tempos.

Páginas 2 a 5



ESCALADOR DE PAREDES DA MARVEL, O HOMEM-ARANHA PODE SUSTENTAR AS BILHETERIAS DO ANO

Depois de uma fase de insucessos comerciais, a grife de maior rentabilidade no cinema do século XXI usa a volta do Homem-Aranha como aríete para renovar um legado singular

A teia da Marvel se renova



HOMEM-ARANHA NO ARANHAVERSO (2018)

LOGAN (2017)

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Depois de ter seu prazo de validade (para lucrar) suspenso, com fracassos como “Thor: Amor e Trovão” (2022) e “Aquaman2: O Reino Perdido” (2023), o reinado dos super-heróis não apenas nas bilheterias, como também no imaginário do pop como um todo, ganha uma injeção de ânimo – e de adrenalina – com a chegada de “Homem-Aranha: Um Novo Dia”. A estreia do filme em que Peter Parker (Tom Holland) encara o Escorpião, os ninjas do clã Tentáculo e o Hulk (Mark Ruffalo), ao lado do Justiceiro (de Jon Bernthal) reforça a capacidade da Marvel de se reinventar na tela grande. Os anúncios feitos pelo estúdio em San Diego, pelo estúdio ligado à editora de Stan Lee (e à Disney), envolvem uma série de projetos de peso, como o Motoqueiro Fantasma com Ryan Gosling e um novo Pantera Negra. Em dezembro, Robert Downey Jr. fará essa panela ferver como o Doutor Destino no novo “Vingadores”.

Houve um tempo em que só a editora rival, a DC do Superman e do Batman, fazia bonito em circuito. No fim da década de 1990, antes da criação do Universo Cinematográfico Marvel (MCU) nas telonas, personagens do repertório marvete de quadrinhos já impulsionavam sucessos que mudaram a relação entre os balões e Hollywood. Alguns redefiniram o filão, outros provaram que adaptações de HQs podiam ser tratadas como grande cinema, enquanto alguns estabeleceram novos paradigmas comerciais. A seguir, o Correio fez uma seleção qualitativa dos dez títulos mais importantes dessa trajetória da Marvel em circuito

“Blade, o Caçador de Vampiros” (1998): Dez anos antes de o MCU existir, esse thriller com eixo sobrenatural vampírico mostrou que um personagem da Marvel podia render um blockbuster adulto, violento e estilizado. Wesley Snipes transformou o inimigo nº 1 do Drácula em um ícone pop. Seu êxito abriu caminho para que os grandes estúdios voltassem a apostar nos heróis da editora, tornando-se a pedra fundamental da era moderna das versões de HQ. Sua receita arranhou US\$ 131 milhões.

“Vingadores: Ultimato” (2019): Poucos filmes sintetizam tão bem uma década de planejamento quanto “Vingadores: Ultimato”, que faturou US\$ 2,7 bilhões. É a segunda

maior bilheteria da História, atrás apenas de “Avatar” (2009). A produção reuniu dezenas de vigilantes em uma narrativa estelar de viagem no tempo capaz de equilibrar espetáculo, emoção e encerramentos satisfatórios para personagens históricos como Homem de Ferro e Capitão América. O Thanos de Josh Brolin, dublado aqui por Leonardo José, virou um Darth Vader pós-moderno, capaz de provocar genocídios num estalar de dedos.

“Homem-Aranha 2” (2004): Vindo do terror, com “Evil Dead” (1981), Sam Raimi alcançou um raro equilíbrio entre ação, humor e drama em seu regresso às revisitações de Steve Ditko e Stan Lee. A interpretação de Tobey Maguire deu profundidade às dificuldades de Peter Parker, enquanto o Doutor Octopus de Alfred Molina entrou para a galeria dos grandes vilões do cinema, num misto de vulnerabilidade demasiadamente humana e loucura. Para muitos críticos, continua sendo a melhor adaptação do Cabeça de Teia para as telas e um modelo de narrativa que permanece influente duas décadas depois. Sua dublagem, com Roberto Macedo e Manolo Rey, é uma aula. Arrecadou US\$ 788 milhões.



QUARTETO FANTÁSTICO: PRIMEIROS PASSOS (2025)

Divulgação



O HOMEM DE FERRO (2008)

Twentieth Century Fox Film Corporation



DEADPOOL E WOLVERINE (2024)

Sonny Pictures



X-MEN 2 (2003)

Divulgação



O HOMEM-ARANHA 2 (2004)

Universal



BLADE, O CAÇADOR DE VAMPIROS (1998)



HULK (2003)

“X-Men 2” (2003): É o filé mignon da franquia X. O hoje proscrito realizador Bryan Singer, sumido desde “Bohemian Rhapsody” (2018), ampliou a escala humanista (e antirracista) da franquia sem abandonar temas como preconceito, intolerância e identidade, aproximando

os mutantes das grandes questões sociais. A invasão à Mansão Xavier e a sequência inicial de Noturno na Casa Branca permanecem entre as cenas mais marcantes do gênero, com direito ao ataque de fúria do Wolverine de Hugh Jackman. Sua renda beirou US\$ 407 milhões.

“Logan” (2017): Poucas despedidas foram tão impactantes quan-

to o adeus de Hugh Jackman ao carcaju da Marvel, neste thriller crepuscular que fechou a Berlinale de 2017. Inspirado livremente na HQ “Velho Logan”, de Mark Millar, o longa abandonou o tom convencional das aventuras de super-heróis para construir um faroeste melancólico sobre envelhecimento, perda e legado. A interpretação de Jackman, aliada à direção sensível de James Mangold, fez do filme uma referência artística para adaptações de quadrinhos voltadas ao público adulto. Concorreu ao Oscar de Roteiro Adaptado e extraiu do dublador de Wolvie, Isaac Bardavid, a atuação mais tocante de sua carreira. Contabilizou US\$ 619 milhões na venda de ingressos.

“Homem-Aranha no Aranhaverso” (2018): Esta lisérgica imersão animada no conceito de dimensões paralelas revolucionou a linguagem visual do cinema ao

combinar técnicas digitais com a estética dos quadrinhos impressos. Além de apresentar Miles Morales (um rapaz negro de origem latina com poderes similares ao de Peter Parker) ao público cinéfila, o filme mostrou que animações de super-heróis podiam ser ousadas formalmente, misturando linguagens e estéticas. O reconhecimento veio com o Oscar, numa vitória que rompeu o domínio quase absoluto da Pixar e da Dreamworks na categoria. Levou para os cofres da Marvel US\$ 394 milhões.

“Hulk” (2003): Dividindo opiniões desde a estreia, a versão de Ang Lee para o Golias Verde revelou-se uma obra muito à frente de seu tempo, sobretudo em sua estilização gráfica na direção de arte, similar às HQs de Jack Kirby. Em vez de privilegiar apenas a ação, o diretor transformou Bruce Banner (Eric Bana) em protagonista de um drama psicológico sobre traumas familiares, identidade e repressão emocional, tendo o próprio pai – e que pai soturno era Nick Nolte – em seu ferrabrás.

A montagem inspirada na linguagem dos quadrinhos e a ambição autoral fazem de “Hulk” uma das experiências mais singulares já produzidas com personagens da Marvel. Custou alto (US\$ 137 milhões) e faturou pouco (US\$ 245 milhões), mas virou cult.

“Homem de Ferro” (2008): O nascimento oficial do MCU começou com uma aposta considerada arriscada. Recém-saído de sua reabilitação da dependência química, Robert Downey Jr. redefiniu Tony Stark e deu ao personagem um carisma que sustentaria toda a franquia pelos onze anos seguintes. A cena pós-créditos com Nick Fury (Samuel L. Jackson) inaugurou uma nova forma de construir universos compartilhados, influência que seria seguida por praticamente todos os grandes estúdios nas décadas seguintes. Sua arrecadação chegou a US\$ 585,7 milhões. Marco Ribeiro dubla Downey Jr. com esplendor.

“Deadpool & Wolverine” (2024): A união entre Ryan Reynolds e Hugh Jackman (num regresso um tanto quanto inevitável à figura de Logan) simbolizou o encontro definitivo entre o antigo universo da Fox e o MCU da Disney. Repleto de humor metalinguístico, referências à história da Marvel no cinema e participações especiais, sobretudo a de Wesley Snipes, o longa tornou-se um fenômeno mundial de bilheteria. Seu sucesso demonstrou que o gênero ainda pode se reinventar ao celebrar o próprio legado sem abrir mão da irreverência. Somou cerca de US\$ 1,3 bilhão vendendo tíquetes.

“Quarteto Fantástico: Primeiros Passos” (2025): Havia um medo paralisante entre os nerds de que a patrulha woke fosse descaracterizar a Família Fantástica, que inaugurou a Marvel nos quadrinhos, em 1961. Esse pavor caiu por terra em minutos. Mais do que apresentar uma abordagem à moda Norman Rockwell (artista gráfico que simbolizou o American Way Of Life), do super grupo, esta “Sessão da Tarde” comovente representa o início de uma etapa decisiva para o MCU. Ao apostar em uma estética retrofuturista, com personagens guiados pela ciência, o longa recontextualiza a relevância de Reed Richards, Sue Storm, Johnny Storm e Ben Grimm no centro do universo compartilhado. Pedro Pascal fez um Reed com ares de Rock Hudson. A Sue de Vanessa Kirby é empoderadamente audaciosa. Seu impacto será medido nos próximos anos, mas sua importância histórica já está assegurada por recolocar os criadores da Era Marvel no protagonismo cinematográfico. Faturou US\$ 521,8 milhões.

Britânico se tornou o primeiro ator do Homem-Aranha a chegar ao quarto filme na saga. Confira os caminhos tortuosos de seus antecessores na franquia



TOM HOLLAND (2016 ATÉ O MOMENTO)

PEDRO SOBREIRO

Com sessões lotadas nos principais cinemas do Brasil, “Homem-Aranha: Um Novo Dia” marca um capítulo inédito para o Cabeça de Teia nas telonas. Pela primeira vez na história, o personagem terá um “Homem-Aranha 4”, rompendo a “marca da trilogia”.

Em seu quarto filme solo do personagem, Tom Holland já é o ator que mais vezes deu vida ao Homem-Aranha nos cinemas. Isso porque, além das quatro aventuras, ele também apareceu nos filmes ‘Capitão América Guerra Civil’ (2016), ‘Vingadores: Guerra Infinita’ (2018) e ‘Vingadores: Ultimato’ (2019). Logo atrás, vem o icônico Tobey Maguire, que interpretou Peter Parker em quatro oportunidades: sua trilogia lendária e no emocionante ‘Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa’ (2021), em que encontra os Aranhas de Holland e Andrew Garfield. Fechando a trinca, Garfield foi o que menos

Tom Holland se firma como o Aranha mais popular

teve oportunidades para viver o herói, já que sua franquia foi cancelada após o segundo filme. Depois disso, ele também voltaria ao papel em ‘Sem volta Para Casa’.

Fato é que Holland sobreviveu à marca do terceiro filme e agora se torna o primeiro Homem-Aranha a chegar a uma “quadrilogia”, mas as coisas pode-

riam ter sido diferentes.

A trajetória de Peter Parker nos cinemas sempre foi marcada por finais abruptos e nem mesmo a amada saga dirigida por Sam Raimi escapou do cancelamento. Sucesso de crítica e bilheteria, a trilogia estrelada por Tobey Maguire nos anos 2000 chegou a ter seu quarto capítulo anunciado, mas nunca viu a luz do dia. Segundo as previsões da Sony, ‘Ho-

mem-Aranha 4’ deveria ter chegado aos cinemas em 6 de maio de 2011 em uma aventura que concluiria a saga de Peter Parker nas telonas.

O projeto foi confirmado e até mesmo um pôster oficial foi lançado. Só que divergências criativas entre o diretor e a Sony acabaram enterrando o projeto, que jamais foi finalizado. Entre rascunhos, storyboards e entrevistas, é possível ter uma ideia de como seria o filme.

Segundo o diretor Sam Raimi, o longa teria como vilão principal o Abutre, que seria interpretado por John Malkovich. Além disso, o filme apresentaria a Gata Negra, cuja atriz favorita para o papel era Anne Hathaway. No fim das contas, Anne acabaria vivendo uma antagonista feline, mas na rival da Marvel, já que ela foi escalada por Christopher Nolan para interpretar a Mulher-Gato na conclusão da trilogia do “Batman” (2012).

No entanto, as divergências com o estúdio começaram a interferir. Rumores dizem que o

Divulgação



TOBEY MAGUIRE (2002 A 2007)



ANDREW GARFIELD (2012 A 2014)

produtor Avi Arad queria a inclusão do Carnificina entre os vilões do filme, algo que já havia sido motivo de confusão com Sam Raimi em Homem-Aranha 3 (2007). Na versão original de Raimi, a história traria o Homem-Aranha enfrentando apenas o Homem-Areia e o Duende Verde de James Franco. Só que o estúdio, visando o sucesso comercial do vilão, obrigou o filme a contar com a presença do Venom, o que causou um desgosto profundo no diretor, que acatou a decisão, mas jamais se conformou com o ocorrido. No final

das contas, a crítica especializada teceu comentários negativos justamente por conta da existência de três vilões.

Com aquilo engasgado na garganta, Raimi topou fazer um novo filme, mas que fosse feito do seu jeito. O problema é que logo após a confirmação do longa, houve a famosa greve dos roteiristas, que reivindicavam royalties dos estúdios sobre as vendas de DVDs e outras mídias físicas dos filmes. A greve aconteceu

entre 2007 e 2008, causando um grande atraso nos cronogramas de Hollywood. Com isso, quando os profissionais voltaram ao trabalho, a Sony tentou agilizar o roteiro de Homem-Aranha 4. Cerca de quatro roteiristas diferentes passaram pelo projeto, mas nenhum conseguiu agradar Sam Raimi. Então, quando supostamente chegaram os pedidos para incluir o Carnificina, o dire-

tor teria desistido do projeto por sentir que não daria certo.

O longa ficou eternamente marcado como um “E Se...?”, porque os storyboards revelavam uma abordagem mais agressiva do Homem-Aranha. Mais do que isso, eles traziam detalhes de como seria a sequência de abertura do filme, que traria uma montagem do herói enfrentando diversos vilões clássicos dos quadrinhos, como o Mistério e o Shocker. Andrew sequer chegou aos três

No fim das contas, Raimi e a Sony decidiram abandonar o projeto e encerrar a saga do Peter Parker de Tobey Maguire no filme 3. Em vez de Homem-Aranha 4, o estúdio voltou seus esforços para fazer um reboot da franquia. E assim Andrew Garfield foi escalado para viver o Cabeça de Teia na franquia “O Espetacular Homem-Aranha”. Porém, uma série de fatores levou essa saga ao cancelamento precoce.

A Sony apostou em uma versão mais jovem do herói para surfar na onda dos super-heróis. Assim, em 2012, enquanto o mundo se encantava com “Os Vingadores”, Andrew Garfield estreou sua primeira aventura como Peter Parker, conquistando críticas e bilheteria media-

nas. Dois anos depois, quando os super-heróis já arrecadavam 1 bilhão de dólares a cada lançamento, Garfield voltou às telonas com “O Espetacular Homem-Aranha 2: A Ameaça de Electro”, uma aberração que é considerada por críticos e fãs como o pior filme da história do herói nos cinemas. Apesar de ser definitivamente ruim, o filme conseguiu uma bilheteria expressiva.

Porém, internamente, Andrew Garfield não estava satisfeito com os rumos da saga, que construiria um universo próprio de vilões nas telonas, enquanto o ator queria histórias mais intimistas sobre Peter. Então, após uma série de desentendimentos, ele abriu mão do papel e deixou a saga. Vendo o caos que se instalava na Sony, que enfrentava a crise de vazamentos de e-mails em um ataque hacker, a Marvel abriu negociações com o estúdio para costurar um acordo para que o Homem-Aranha pudesse participar dos filmes dos Vingadores.

A ideia de Kevin Feige, CEO do Marvel Studios, era trazer um Homem-Aranha mais jovem para que o público pudesse “crescer com o elenco”. Com isso, o jovem Asa Butterfield foi escolhido para o papel. Porém, após vazar nas redes sociais que seria o Homem-Aranha, ele acabou sendo demitido e substituído pelo britânico Tom Holland, que estreou no Universo Cinematográfico Marvel em ‘Capitão América: Guerra Civil’ (2016) e logo se tornou um dos personagens favoritos dos fãs.

Desde então, mesmo com críticas mistas, os filmes solo do Homem-Aranha de Holland se tornaram verdadeiros sucessos de bilheteria. O primeiro arrecadou US\$ 880 milhões, o segundo US\$ 1.1 bilhão e o terceiro fez incríveis 1.9 bilhão de dólares em plena pandemia. O sucesso de Holland no papel sempre veio acompanhado de críticas ao diretor da trilogia, Jon Watts. Por isso, nesta quarta aventura, Watts foi substituído por Destin Daniel Cretton, que comandou o divertido filme de artes marciais da Marvel, ‘Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis’ (2021), e agora dará início a uma nova trilogia para o Cabeça de Teia mais lucrativo da história.

Claudia Ribeiro/Divulgação



Vino Fragoso em 'A Pequena Prisão', monólogo baseado no caso real do estudante Igor Mendes preso em função da onda de protestos de 2013

Uma cicatriz ainda aberta

Baseado em caso real, 'A Pequena Prisão' é um mólogo imersivo no qual Vino Fragoso encarna mais de 30 personagens

Uma das páginas mais nebulosas da jovem democracia brasileira, os protestos estudantis de 2013 deixaram cicatrizes em nossa sociedade. A saga do estudante Igor Mendes, que passou sete meses preso, foi a matéria-prima do livro "A Pequena Prisão" (2017) e agora chega aos palcos em monólogo com atuação de Vino Fragoso e direção de Fernando Ceylão.

Aluno de Geografia na UERJ e militante estudantil, Igor, aos 25

anos, foi preso em julho de 2014, na véspera da final da Copa do Mundo, e passou sete meses no Complexo Penitenciário de Gericoá, o antigo Bangu I. Foi o militante que permaneceu mais tempo atrás das grades entre os 23 ativistas processados pela participação nas chamadas Jornadas de Junho de 2013. Passou Natal e Ano-Novo isolado, sem visita, numa cela nua. Somente em 2024, mais de uma década depois, todos foram absolvidos. O tribunal reconheceu que a Polícia Civil e o Ministério Público construíram a acusação sobre provas ilícitas e testemunhos falsos.

O livro foi lançado dentro de quentinhas, numa performance-encadernação conduzida por Isabel Teixeira. Depois, integrou o espetáculo "Florestas que Andam", de Christiane Jatahy. Agora, pela primeira vez, ganha montagem teatral própria, com dramaturgia de Daniela Pereira de Carvalho, direção de Fernando Ceylão e atuação de Vino Fragoso — que também assina a concepção visual e cenográfica, numa entrega que coroa sua terceira criação autoral no Teatro Poeira, espaço fundado em 2005 por Marieta Severo e Andréia Beltrão em Botafogo.

"O Igor não foi preso nos anos 70. Ele não foi preso no período pós-golpe de 1964. O Igor foi pre-

“Transformar em arte a dura realidade das prisões já é uma maneira de abrir brechas nos muros de indiferença que as cercam, um primeiro passo para derrubar os muros da pequena e da grande prisão também na realidade” **IGOR MENDES**

so em pleno regime democrático. A democracia falhou ele”, ressalta a dramaturga, que enxergou na prisão de um jovem universitário por protestar uma característica histórica da repressão à juventude estudantil brasileira.

O espetáculo, contudo, não se propõe a reconstruir um caso judicial nem a revisitar um episódio político específico. Seu interesse está nas pessoas. Nos homens que habitam os espaços que a sociedade não enxerga. Nos afetos que sobrevivem em meio à violência. Ao atravessar os portões do sistema penitenciário, o protagonista encontra um país invisível, uma sociedade paralela habitada por personagens complexos, contraditórios e profundamente humanos. Mais de 30 deles desfilam por um único corpo em cena — o

de Vino Fragoso —, numa atuação construída a partir de constantes transformações físicas e emocionais, que conduz o espectador por diferentes perspectivas e experiências de vida, entre testemunho, memória, ficção e presença.

A direção aposta numa proximidade radical entre plateia e cena. O público, disposto em formato não convencional, acompanha a ação cercado por uma estrutura cenográfica em permanente transformação: oito grandes portas-grade movimentam-se pelo espaço, criando corredores, celas, fronteiras, encontros e separações.

Para Igor Mendes, ver o texto ganhar os palcos provoca um sentimento que ele mesmo classifica de contraditório. “Estou muito feliz com a adaptação, produzida

e encenada pelo meu amigo Vino Fragoso. De um lado, a alegria por perceber que o texto segue relevante e atual; de outro, indignado que ele talvez faça mais sentido hoje do que há dez anos. Como se a sociedade brasileira caminhasse ciclicamente para trás”, desaba. “Transformar em arte a dura realidade das prisões já é uma maneira de abrir brechas nos muros de indiferença que as cercam, um primeiro passo para derrubar os muros da pequena e da grande prisão também na realidade”, completa.

“Mais do que falar sobre prisões, 'A Pequena Prisão' investiga aquilo que resiste dentro delas. E por que o processo de ressocialização é algo limitado a casos isolados? Porque talvez a pergunta mais importante não seja quem está atrás das grades, mas quais são as grades que permanecem do lado de fora”, comenta Vino Fragoso.

Produzido de forma totalmente independente, reunindo profissionais de destaque da cena teatral brasileira, o espetáculo será acompanhado por uma série de ações paralelas durante a temporada, incluindo encontros com o público e atividades relacionadas ao relançamento da obra de Igor Mendes em edição comemorativa. O livro, é importante registrar, foi considerado por renomados criminalistas um dos mais importantes relatos sobre o sistema prisional brasileiro dos últimos tempos — o que confere à adaptação uma dimensão além do terreno artístico.

SERVIÇO

A PEQUENA PRISÃO

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 — Botafogo)
Até 30/8, de quinta a sábado (20h) e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Daniel Ebendiger/Divulgação



Imagem do concerto que reuniu o MPB4 e a Orquestra Petrobras Sinfônica no aniversário de 60 anos do quarteto e que agora ganha resgisto fonográfico via Biscoito Fino

A MPB de terno e gravata (e alpercata)

MPB4 encontra a Orquestra Petrobras Sinfônica e eterniza a parceria em álbum que chega às plataformas digitais nesta sexta

AFFONSO NUNES

Quando a ditadura militar implantada em 1964 perseguiu e extinguiu os Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE), o Quarteto do CPC — formado em Niterói por quatro rapazes ligados ao movimento estudantil — precisou de um nome novo. Magro e Milton curavam Engenharia na UFF; Ruy Faria acabara de se formar em Direito; Aquiles Reis era o poeta da turma. Adotaram então três letras e um número: MPB4, ou seja, Música Popular Brasileira para quatro vozes. Essas letreirinhas, aliás, acabaram batizando a canção popular que nascia com jovens compositores pós-Bossa Nova. A sigla veio com eles e conti-



nua sendo resumindo a identidade de uma rica tradição musical.

Referência quando se trata de quarteto vocal, o MPB4 bem que poderia ter a palavra “resistência” como sobrenome. Com os CPCs na clandestinidade, o grupo assumiu posição de combate cultural contra a ditadura, abrindo espaço para canções de protesto e enfrentando a censura que lhes mutilava letras — como no caso de “Partido Alto”, de

Chico Buarque, em que “brasileiro” teve de virar “batuqueiro” e “titica” foi trocada por “coisica” para passar pelo crivo dos censores. “Quase sempre era uma bobagem, como em ‘Partido Alto’. Era o preço para o disco sair”, disse Chico Buarque de depoimento ao seu Songbook.

É esse grupo — sobrevivente de censura, mudanças de formação com as mortes de Magro (2012) e Ruy (2018) — que volta a se encontrar com a Orquestra Petrobras Sinfônica no álbum “MPB4 Sinfônico”, que chega às plataformas digitais nesta sexta-feira (31), via Biscoito Fino.

O registro eterniza o concerto que lotou a Grande Sala da Cidade das Artes, em outubro de 2024, celebração dos 60 anos da MPB. Meses depois daquele espetáculo, quarteto e orquestra voltaram se reunir, desta vez na sala de ensaios da Petrobras Sinfônica, na Fundação Progresso, para gravar os arranjos criados para o concerto.

Sob regência do maestro Felipe Prazeres, o repertório percorre clássicos que marcaram a trajetória do grupo: “Apesar de você”, “Olê Olê” e “Roda Viva”, as três de Chico Buarque; “Samba do Avião”, de Tom

Jobim; “Porto”, de Dori Caymmi; “Velas Içadas”, de Ivan Lins e Vitor Martins; e “O Ronco da Cuíca”, de João Bosco e Aldir Blanc. Canções que o quarteto ajudou a entranhar na memória do país, agora vestidas com o veludo dos naipes sinfônicos.

“Levar o repertório do MPB4 para o universo sinfônico não significa apenas ampliar a sonoridade das canções, mas também aproximar públicos. Muitos admiradores do MPB4 têm a oportunidade de vivenciar a experiência de uma orquestra sinfônica, enquanto pessoas que frequentam nossos concertos redescobrem a riqueza da música popular brasileira sob uma nova perspectiva. Esse é um dos papéis mais importantes da orquestra: criar pontes entre diferentes épocas, estilos e públicos. Ver jovens descobrindo MPB4, que é um patrimônio da música brasileira, é extremamente gratificante para todos nós da Orquestra Petrobras Sinfônica”, destaca o maestro

“Foi a confirmação de que a música não tem idade nem fronteiras. MPB4 Sinfônico é a MPB de terno e gravata, mas calçando alpercata e olhando para frente! Para o MPB4, o ambiente nas sinfônicas — e foram tantos encontros — é de pura empatia! Sejam os professores nossos contemporâneos, seja a galera sangue bom, tá tudo em casa. A música flui solta!”, define Aquiles Reis, também crítico musical do Correio da Manhã.

Paulo Malaguti Pauleira, que substituiu Magro e topou o desafio de assinar um dos arranjos do disco, conta que foi sua primeira experiência escrevendo para orquestra. Escolheu “Porto”, de Dori Caymmi. “Bati uma bola com o querido mestre, pianista e arranjador Itamar Assiere, que me deu dicas preciosas sobre a escrita para orquestra”, conta. Os demais arranjos levam assinaturas de Jaime Alem, Itamar Assiere e Gilson Santos — time que entende a delicadeza de servir a canção sem engolir as vozes que a criaram.

Milton, outro fundador remanescente, lembra que o quarteto já havia tocado com orquestras no início da carreira, nos festivais das emissoras de TV que mantinham corpo estável de músicos. Mesmo assim, se emocionou: “Esse encontro com a Petrobras Sinfônica foi maravilhoso.” Para Dalmo Medeiros — que assumiu o posto de Ruy Faria —, o trânsito entre o popular e o sinfônico é coisa de família. Ele é filho de Geraldo Medeiros, foi um dos fundadores da lendária Orquestra Tabajara, e acaba de ceder para o Museu da Imagem e do Som todo o acervo de partituras, fotos e álbuns de carnaval de seu pai. “Vai ficar bem guardado e qualquer pessoa poderá acessar este acervo. Isso é muito importante para a cultura brasileira, porque a Orquestra Tabajara fez história no Brasil”, anuncia.

O álbum “MPB4 Sinfônico” é o segundo lançamento do grupo pela Biscoito Fino, que já havia editado “MPB4 — 60 Anos de MPB”. No dia 28 de outubro, o quarteto e a orquestra sobem novamente ao palco, desta vez no Teatro Riachuelo, para reviver o repertório ao vivo.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Aquela solidariedade de botequim

Um bar não morre de incêndio. Morre de esquecimento. Por isso me alegra a notícia. Entre 31 de julho e 2 de agosto, mais de vinte bares do Rio vão separar o que ganharem com um prato ou um drinque e mandar para o Café Lamas. É pouco e é muito. É a boemia carioca passando o chapéu para socorrer uma matriarca dos balcões.

Porque o Lamas é isso: uma espécie de mãe teimosa da noite carioca. Abriu as portas em 1874, quando o Brasil ainda era Império e Dom Pedro II reinava sobre um país de escravos e sobrados. Um português de bigode farto e barriga generosa botou umas mesas na esquina do Largo do Machado e, sem querer, fundou um pedaço da cidade.

Cento e cinquenta anos depois, o fogo começou numa fritadeira. Subiu pela exaustão, comeu a cozinha, e o restaurante mais antigo do Brasil em atividade fechou as portas à espera do seguro, das obras, da paciência. Quem passa em frente hoje vê a porta cerrada e sente uma falta esquisita.

Vale lembrar quem já sentou naquelas mesas. Getúlio Vargas parava ali para um chá com torradinhas antes de subir até o Cateite. Machado de Assis, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Vinicius, Niemeyer, Portinari, Juscelino, Rubem Braga.... Bebia-se chope escuro e discutia-se política e literatura na mesma golada, madrugada adentro, porque o Lamas funcionava 24 horas. Um bar que nunca dormia, numa cidade que fingia acordar cedo.

Não à toa entrou no cancionário.

A valsa "Rio Antigo", de Chico Anysio e Nonato Buzar, passeia pela cidade que já não existe e faz questão de pedir um bife no Lamas. Alcione cantou magistralmente. O Brasil decorou.

Mas o meu detalhe favorito é outro. E é de bola. Em setembro de 1895, um grupo de rapazes do Flamengo se reunia, como sempre, numa mesa do Lamas. Estavam incomodados. Os remadores do Botafogo andavam roubando a atenção das moças do bairro, e aquilo - convenhamos - aquilo era intolerável. A tradição conta que a solução foi das mais cariocas que existem: em vez de brigar, fundaram um clube.

Bebia-se chope escuro e discutia-se política noite adentro porque o Lamas funcionava 24 horas. Um bar que nunca dormia, numa cidade que fingia acordar cedo



Reprodução

Fundado em 1874, o Café Lamas funcionou no Largo do Machado até as obras do metrô

Nascia ali, entre um chope e outro, a ideia do Grupo de Regatas do Flamengo. A ata só veio em novembro, numa casa da Praia do Flamengo, com data marcada no dia 15 para homenagear a República. Mas a fagulha riscou o fósforo numa mesa do Café Lamas.

Ou seja: o clube mais popular do país nasceu de um ataque de ciúme regado a cerveja. Se isso não é a coisa mais carioca que existe, não sei mais o que seria.

Depois vieram as obras do metrô. Nos anos 1970, o prédio original foi ao chão, e o Lamas se mudou para a Rua Marquês de Abrantes, onde resiste até hoje - mais velho,

menos mágico, teimoso do mesmo jeito. Já não é o templo do Largo do Machado. Mas ainda serve a batata portuguesa fininha e o chope que atravessou a República.

Agora ele precisa de nós. Não de placa nem de estátua, dessas a cidade já tem demais. Precisa de gente sentada à mesa, pedindo mais uma.

Talvez seja essa a única forma decente de agradecer a um bar que aguentou tanta coisa: fazê-lo voltar à ativa. Pedir o chope escuro. Brindar aos rapazes de 1895, ciumentos e geniais. E deixar que a noite, mais uma vez, não tenha hora para acabar.